

Ana Amélia

CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO

Certa feita realizava Coelho Neto no Clube Fluminense do Rio de Janeiro magnífica festa literária. Alberto de Oliveira, com a auréola que lhe conferia o principado dos poetas brasileiros, além do esplendor que lhe advinha dos seus próprios versos, falava naquela ocasião sobre a evolução do soneto. Fazia desfilar perante o auditório embevecido toda uma luzida coorte de cultores das musas.

Os mais belos sonetos camoneanos foram recitados. Até que, pouco antes de terminar a exposição de mestre, Alberto de Oliveira, para encerrar o seu estudo, pronuncia em toda aquela tarde o primeiro e único nome de mulher a figurar naquela sisuda companhia de tão conspícuos varões. E o nome de mulher que saiu dos lábios do Príncipe dos Poetas Brasileiros foi este: Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Alberto acrescentava: — “Não sei se a autora do notável soneto camoneano que vos direi para encerrar esta palestra é viva ou morta, brasileira ou portuguesa, pois só lhe conheço o nome através destes versos capazes de augurar à sua autora um grande futuro poético. E declamou um soneto àquele tempo desconhecido do grande público, hoje citado em antologia e que não é outro senão o tão nosso conhecido

MAL DE AMOR

*Toda pena de amor, por mais que doa,
No próprio amor encontra recompensa.
As lágrimas que causa a indiferença
Seca-as depressa uma palavra boa.*

*A mão que fere, o ferro que agrilhoa,
Obstáculos não são que amor não vença,
Amor transforma em luz a treva densa;
Por um sorriso amor tudo perdoa.*

*Ai de quem muito amar não sendo amado,
E depois de sofrer tanta amargura,
Pela mão que o feriu não for curado. . .*

*Noutra parte há de em vão buscar ventura:
Fica-lhe o coração despedaçado,
Que o mal de Amor só nesse Amor tem cura.*

O auditório vibrou de emoção ante a beleza dos versos, realçada pelo entono nobre que lhe conferia a voz grave do conferencista, enquanto no meio dos ouvintes, anônima, emocionada e temerosa da responsabilidade de tão auspicioso vaticínio partido de um Alberto de Oliveira, estava a poetisa proclamada: Ana Amélia que, a despeito de aniversariar naquela data, comparecera, pelo braço do marido, à conferência, curiosa por ouvir Alberto de Oliveira e longe de supor que lhe estava reservada tão comovedora surpresa.

Isto se passou faz anos, quando a vida de Ana Amélia alvorecia. O tempo se encarregou de tornar realidade a profecia do grande Alberto, concretizada brilhantemente através de tantos livros publicados: *Poemas, Mal de Amor, A Harmonia das Coisas e dos Seres, Ansiedade*. Há em todos eles muito da beleza contida naquele soneto inaugural, em todos eles a poetisa pôs um pouco de amor e um tanto de esperança, temperou-os de fé, de anseios, “de fundos sonhos secretos” que não

se limitariam, contudo, a simples sonhos de amor, a “pobres sonhos de mulher tranqüila que morrerão com ela”, mas seriam pelo tempo afora, nas inteligências iluminadas da mocidade, “sementeira de ouro sobre o pó da terra”.

Nestes versos do seu livro *Poemas*, versos que se intitulam “Não olhes os homens com ironia”, há uma serena beleza e uma amável filosofia de quem viveu intensa e profundamente a vida e se compenetrrou da vanidade das coisas e do quanto de efêmero informa os nossos sentimentos:

*Não olhes os homens com ironia,
Todos os homens já foram felizes,
Todos já foram sinceros
E juraram amar para sempre
O mesmo sonho de amor.*

*Não olhes as coisas com desencanto,
Todas as coisas já foram amadas,
Todas já foram belas,
Ardentemente desejadas
Ou simplesmente necessárias
E fáceis como a vida.*

*Não olhes a vida com amargura.
A vida é simples e amável.
Nós é que envenenamos a vida
Com as nossas grandes ou pequenas misérias.*

*Não olhes a vida com amargura
E por mais velho ou mais triste que sejas
Procura viver ainda, ao menos por alguns momentos
Como todos deveríamos ter sempre vivido.*

Hoje Ana Amélia repousa sob o pó da terra, enquanto a sementeira de luz e de amor que ela semeou fartamente com seus versos, a sementeira de civismo e de brasilidade que ela

semeou como “animadora dos moços no exercício consciente dos seus direitos e deveres de cidadã, integrada numa obra de abolição da ignorância e na luta incansável contra a insensibilidade e ceticismo ambientes, aos anseios de sua missão de educadora” dão frutos opimos, abrem-se em floração deslumbrante.

E quem fez tão generosa doação de sua vida não morrerá.

Fortaleza, Ce., maio de 1971